

Literatura de refúgio nas diversas telas

Literature of refuge in the diverse screens

Junia Barreto

juniabarreto@unb.br

João Arthur Pugsley Grahl

joarthur@gmail.com

UnB, Universidade de Brasília

Palavras-chave: migração, literatura de refúgio, telas, simulacro, terremoto do Haiti, Guerra na Síria.

Keywords: migration, refuge literature, screens, simulacrum, Haiti earthquake, War in Syria.

Este artigo é baseado nas discussões e reflexões desenvolvidas pelo grupo TELAA, da UNB (Universidade de Brasília), do qual fazem parte diversos estudantes de graduação, mestrado e doutorado, coordenado pela professora Júnia Barreto. O grupo trabalha com o conceito de “tela”, e desenvolve uma reflexão no sentido de compreender a influência e a importância da utilização das telas, sobretudo para a produção artística. Mostrar possibilidades de tratamento da temática da migração pelas telas é o objetivo desse artigo, e inserido no projeto de pesquisa de doutorado de João Arthur Pugsley Grahl.

O que são as telas. No site do projeto esclarecemos:

Mas o que une tantas artes e meios diferentes no grande conceito de Tela? Que fio alinhava um videoclipe, uma história em quadrinhos, uma tela de Dali e um romance de Victor Hugo? Qual o limite entre nós e tantas telas? Afinal, se tudo é tela, somos também tela? Pois, nosso olhar também enquadra e filtra uma parte do mundo. Parece-nos, então, não haver espaço suficiente para profetar tantas inquietações! Voltamo-nos, portanto, ao mundo globalizado, em que convivemos ininterruptamente confrontados a telas eletrônicas. Na sua massificação, parece que a Tela Eletrônica subjugou todas as outras, incorporando-as em si. Podemos ler qualquer livro em nosso computador, e ver as maiores obras do Renascimento em nossos celulares. (TELAA, 2017)

Em português há o costume histórico de se pensar as telas como suporte para as pinturas. Mas no grupo pensamos que todo suporte utilizado para aquilo que

se considera arte, pode ser uma tela. Assim abarca-se a tradicional tela renascentista, suporte de pinturas, mas também as telas de computador e televisão. Atualmente temos celulares, tablets, computadores... mas o corpo pode vir a ser uma tela, se pensarmos nas tatuagens e performances; também as paredes de uma caverna, se pensarmos nas pinturas rupestres. Ou nos grafites se pensarmos nos edifícios das cidades. Também o livro que utiliza o papel como suporte da escrita, ou ainda as fotos. Enfim, estamos cercados por telas que emanam arte.

Uma das propostas do núcleo é promover o Encontro entre TELAAs. O objetivo é reunir artistas, pesquisadores, jornalistas, acadêmicos, enfim todos que utilizam as telas, em grupos de trabalhos, para refletir sobre o impacto das mesmas em suas obras e o estatuto da tela em seus trabalhos. O primeiro encontro foi realizado em dezembro de 2016 e o segundo será em novembro desse ano, do qual participarão quadrinistas, grafiteiros, artistas plásticos, romancistas, diretores de cinema, publicitários, designers, arquitetos, acadêmicos.

Gerard Wormser (2016), editor e filósofo, lembrou, em comunicação oral como participante do primeiro encontro TELAA, que um momento crucial da evolução tecnológica da informação foi durante a guerra do golfo, quando Baudrillard escreveu *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu*, pois a guerra foi mostrada como sendo aquilo que era visto através das telas de tevê. Como uma guerra de videogame. As bombas eram lançadas, via-se a explosão, o comentarista dizia o que tinha sido eliminado, as telas promoviam um simulacro da situação real.

Jean Baudrillard em outro texto, *Tela Total*, lembrava há exatamente 20 anos que “Vídeo, tela interativa, multimídia, Internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda parte”. E ainda “por tudo, a distância é abolida: entre os sexos, entre os pólos opostos, entre palco e a plateia., entre os protagonistas da ação, entre o sujeito e o objeto, entre o real e o seu duplo”. O tom do texto é obviamente pessimista, diferentemente do grupo TELAA, que persegue uma perspectiva mais espinozista no sentido de “para as ações humanas, nem rir, nem chorar, nem detestar, mas compreender”. De toda maneira Baudrillard não se furtou a analisar o impacto das telas na sociedade.

As telas aqui presentes não tratam da guerra, mas a guerra é uma de suas causas. No catálogo da exposição *Albums* que aconteceu em 2013 no museu da história da imigração em Paris, a seguinte questão se coloca: “l’immigration necessite-t-elle un traitement graphique particulier qui privilégie certains genres, joue avec les codes et les supports mais aussi favorise les liens avec les autres arts?” (Marie & Olivier, 2013). De uma certa maneira, é a questão que perguntamos nesse artigo como forma de enriquecer o debate entre migração, arte e tela.

Já para compreender a situação do migrante e em consequência a arte gerada pela migração, acredito que a reflexão de Abdelmalek Sayad, companheiro de pesquisa de Bourdieu, em *A imigração*, nos dá uma boa pista a respeito dessa motivação e temática artística que povoará as telas da migração e dos migrantes:

Oscilando, segundo as circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato, a situação do imigrante se presta, não sem alguma ambiguidade, a uma dupla interpretação: ora, como que para não confessar a si mesmo a forma quase definitiva que com frequência cada vez maior a imigração reveste, apenas se leva em conta na qualidade de imigrante

o seu caráter eminentemente provisório (de direito); ora, ao contrário, como se fosse preciso desmentir a definição oficial do estado de imigrante como estado provisório, insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se “instalar” de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes.

É necessário lembrar que Sayad escreveu isso há mais de trinta anos... Hoje, por causa, principalmente das guerras na Síria, Afeganistão, Líbia, Sudão e atualmente Birmânia, temos mais de 65 milhões de deslocados no mundo segundo a ACNUR (Alto comissariado das nações unidas para refugiados), mais do que depois da segunda guerra mundial.

A questão que propomos e que foram formuladas durante o contato com migrantes e durante um projeto de inclusão de migrantes (Ruano & Grahl, 2015) e que foi incrementado no grupo TELAA é a seguinte: Que arte pode ser desenvolvida nas telas a partir da migração? Seja como temática em geral, seja como experiência vivida?

Aí estão algumas respostas:

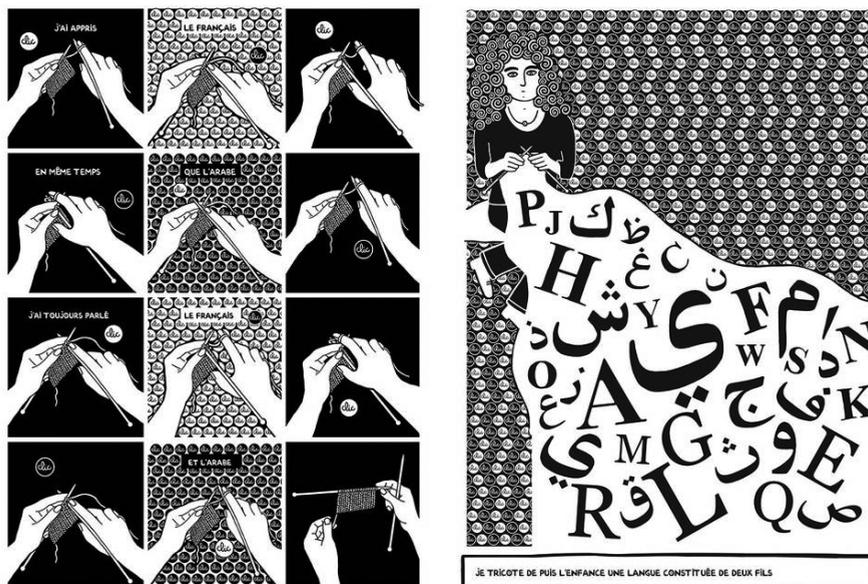
FOTOGRAFIA



Esta foto, provém do livro, *Exodus* (2016), de Sebastião Salgado. Seis anos de viagens foram necessários registrando povos em movimento. O que continua a acontecer e aparentemente jamais cessará de existir. A princípio esta foto parece uma reunião de pessoas como em uma manifestação ou um estádio, de futebol provavelmente. Nada mais longe da realidade, pois mostra refugiados ruandeses. Fugiam o genocídio que aconteceu em 92 em Ruanda e que deixou mais de um milhão de mortos. A rádio houtou dizia que era necessário matar as baratas tutsis, outra etnia principal do país. Ao redor do vale vemos as barracas, ao centro a multidão, como formigas, ao que foram reduzidos os refugiados: “mortos como baratas”, refugiados como formigas.

Em *Exodus*, Salgado faz um trabalho impressionante mostrando e antecipando todas as preocupações atuais com relação aos migrantes. Os migrantes brasileiros, no interior do país, e os da guerra do Kosovo também são representados em seu livro.

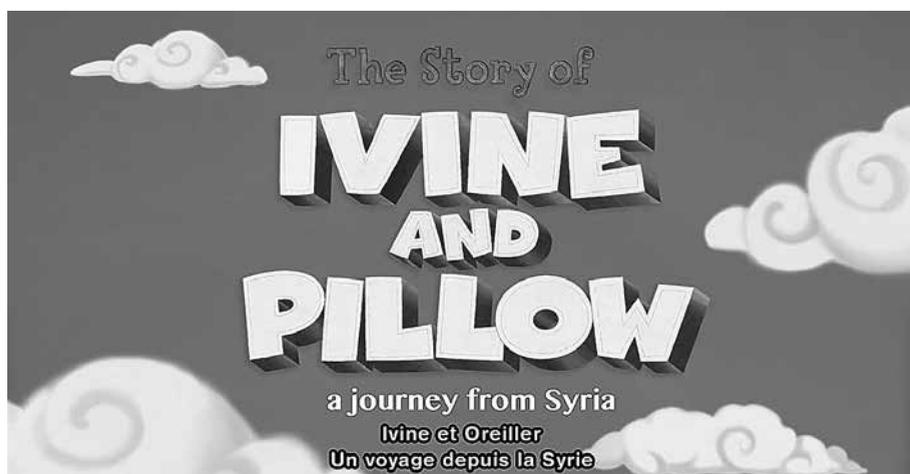
BANDA DESENHADA



Acima se encontram duas pranchas que estão na coleção do museu da Imigração em Paris (Abirached, 2017) e que foram feitas por Zeina Abirached. Elas mostram o que Sayad escreveu mais acima: A imigração compartilha duas vidas, o personagem descrito por Zeina (seu alger ego) parece dizer como Camus: a pátria é sua língua. A língua francesa para a qual ela chega e a língua árabe de onde vem.

Ela reconstrói a memória dos lugares (uma cidade, uma rua, a entrada de um apartamento um muro) e objetos (uma tapeçaria, um lustre em cristal) que marcaram sua infância. Em sua obra, as ligações com o país de origem são muito fortes e ela volta sempre. “Je suis libanaisee et française, je suis aussi arabe, européenne, maronite, laïque, fille de mès parents et petite-fille de mès grands-parents, anonyme, enracinée et nomade; et tout cela en même temps” (Marie & Ollivier, 2013, p. 89).

DESENHO ANIMADO



Ivine and Pillow a journey from Syria (UNICEF, 2016) é um dos filmes de animação produzidos pela Unicef. É um filme de “propaganda”, o público-alvo são possíveis doadores para as crianças sírias, sobretudo. O filme impressiona pelo apelo, que não é usual, pois não quer fazer nada “edificante”. A história é contada pela criança que aparentemente é a própria protagonista. O *pathos* gerado é avassalador. Pois joga inconscientemente com todas as outras imagens de crianças mortas ou vivas na guerra que já vimos. E as imagens ironicamente formatadas como um filme da Disney só hiperbolizam o resultado.

Há mais dois filmes, produzidos pela Unicef e tão impressionantes quanto. Fazem parte dessa campanha por fundos para poderem lutar melhor em favor das crianças refugiadas especialmente.

VIDEO GAME



Referências bibliográficas

- Abirached, Z. (2017). *Paris n'est pas une île déserte*. Disponível em: <http://www.histoire-immigration.fr/expositions-temporaires/albums-bd-et-immigration/paris-n-est-pas-une-ile-deserte>
- Baudrillard, J. (2005). *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem* (4ª. ed.). Sulina.
- Grahl, J. A., Mendes, L., Seely, R., Pereti, E., Cursino, C., Tschoke, R., Abreu, G. (junho 2017). *Relato Do Projeto "Literatura de Refúgio: Expressões Haitianas"*. Revista *Translatio*, 13. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/71600>
- Marie, V.; Ollivier, G. (2013). *Albums des histoires dessinées entre ici et ailleurs. Bande Dessinée et immigration 1913-2013*. Paris: Éditions Futuropolis.
- Nofal, R. (2007). *A história e o romance de refugiados sírios*. Comunicação apresentada no I Enplac (Encontro Nacional de Português Língua de Acolhimento). Brasília, UNB.
- Ruano, B.; Grahl, J. (2015). *Portuguese as a welcoming Language-teaching experiences with Haitian and Syrian students from PBMH-UFPR project*. Paper for the XXXIII International Congress of the Latin American Studies Association, LASA 2015/Precariedades, exclusiones, emergencias. v. XXXIII. San Juan, Puerto Rico.
- Salgado, S. (2016). *Exodus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sayad, A. (2006). *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité. 1. L'illusion du provisoire*. Paris: Éditions Raison d'agir.
- Equipe TELAA. (2017). Site do projet TELAA. Disponível em: www.telaa.com.br
- UNICEF (2016). *Irvine and Pillow a journey from Syria*. Do site https://www.youtube.com/watch?v=3scOr_d9Dwo
- UNICEF (2016). *Unfairytale*. Disponível: <https://www.unicef.org/emergencies/childrenonthemove/unfairytale/en>
- Wormser, G. (2016). *O novo conceito de Editoração para pensar a cultura transmidiática*. Comunicação apresentada no I Encontro entre TELAAs. Brasília, UNB.

Resumo

Em 2010 e 2011, duas tragédias aconteceram no mundo cujas consequências estão todavia presentes: O terremoto no Haiti e a guerra da Síria. Logo após esses eventos o Brasil recebeu milhares de migrantes principalmente desses dois países. Como empatizar, descobrir, se relacionar, compreender esses migrantes que chegaram ao Brasil e também em diversas partes do mundo é uma pergunta aberta. Este artigo busca dar algumas pistas de respostas através do conceito de Telas, desenvolvido pelo núcleo TELAA da Unb. A experiência desses migrantes vem sendo mostrada em diversas telas diferentes (atualmente animações, bandas desenhadas, jogos eletrônicos e, mais tradicionalmente, em ficções, poemas, teatro, obras de arte, que tratamos também como telas). Pretendemos então mostrar diversos exemplos de telas cuja temática coloca em evidência a experiência da migração. Baudrillard em *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu* (1992) mostra como as telas podem nos afastar da experiência real gerando um simulacro. Esse trabalho quer mostrar que o contrário pode acontecer, um certo tipo de *pathos* diferente da lassitude descrita por Baudrillard pode aparecer quando artistas vinculam as experiências e sentimentos do migrante através de suas obras.

Abstract

In 2010 and 2011, two tragedies occurred in the world whose consequences are still present: the earthquake in Haiti and the Syrian war. Soon after these events, Brazil received thousands of migrants mainly from these two countries. How to empathize, discover, relate, and understand these migrants who arrived in Brazil and in various parts of the world is an open question. This article tries to give some clues for answers through the concept of Screens, developed by the TELAA nucleus of Unb. The experience of these migrants has been shown in several different screens (currently animations, comics, electronic games and, more traditionally, fictions,

poems, theatre, works of art, which we also treat as screens). We intend to show several examples of screens whose theme highlights the experience of migration. Baudrillard in *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu* (1992) shows how the screens can take us away from the real experience by generating a simulacrum. This work wants to show that the opposite can happen, a certain type of pathos different from the lassitude described by Baudrillard may appear when artists link the experiences and feelings of the migrant through their works.